

# *A Extraordinária Vida do Ordinário Maicon*

**Pedro Luiz de O. Costa Bisneto**  
*29/11/2007; revisado em: 04/08/2015*



*Maicon*

## **Sumário**

A Extraordinária Vida do Ordinário Maicon .....	2
Veja Quem é Maicon .....	7
Diagrama do Herói, a Jornada Mitológica de Maicon .....	8

## A Extraordinária Vida do Ordinário Maicon

A história a seguir narra a vida de uma pessoa anônima como a maioria de todos nós. Uma história recheada de elementos da vida cotidiana, de fatos que são comuns e familiares a todos nós, e que nos fazem perceber como cada um, como cada ser humano, traz consigo aquela inexplicável e extraordinária maravilha que é o dom maior que todos nós possuímos, o dom da *vida*. Quem é Maicon, o que ele faz e onde vive são questões difíceis de se responder. Maicon é o típico ser humano nômade, está sempre em algum lugar diferente, fazendo algo diferente, com pessoas diferentes. Sua vida foi sempre assim, de lá pra cá, de cá pra lá desde que sua mãe – uma *hippie*, como ele mesmo diz – saiu de São Paulo para ir morar em Belém do Pará, a sua cidade natal, aonde tudo começou, à beira do Rio Tapajós. Foi lá que ela conheceu o futuro pai de seus filhos, um garimpeiro, com quem se casou e teve uma prole de dois: uma menina e Maicon, o caçula. Esposa e filhos conviveram muito pouco com o pai, na maior parte do tempo ele se encontrava longe de casa, em algum lugar no meio da selva amazônica, cavando por ouro. Quando achava quantia suficiente do valioso minério para bancar a viagem ao garimpo, algo que só acontecia em intervalos de anos, a família pegava um avião em Santarém que os levava ao meio da selva, e lá mesmo passava algum tempo junta. E foi numa dessas viagens que Maicon e sua mãe se depararam com um dos terríveis males da vida selvagem: a malária. Infectados ambos, a má sorte da mãe foi ainda mais cruel, além da malária contraiu a fatal hepatite preta, morrendo em poucos dias ao lado do filho em um hospital em Santarém. Embora gravemente enfermo, Maicon sobreviveu, mas, aos oito anos de idade definitivamente o rumo de sua vida mudou para sempre.

Sem condições psicológicas de cuidar dos filhos, agora órfãos de mãe, o pai de Maicon enterrou a esposa e voltou ao garimpo. Além de mãe, Maicon e sua irmã, então, passaram a ser também órfãos de pai, pois nunca mais o encontraram no decorrer de suas vidas. Foram acolhidos por parentes dele, Maicon pela madrinha de batismo que o encontrara ainda no hospital quando ele se recuperava da malária, e sua irmã por uma tia, uma das irmãs de seu pai. Maicon passou a viver em cima de um açougue no centro comercial de Santarém, aonde trabalhava para ajudar sua nova “mãe de criação” – sua primeira profissão: ajudante de açougueiro. No tempo livre, brincava com os filhos dela, crianças como ele, seus novos irmãos.

Cerca de um ano depois, já feliz e readaptado à nova vida, em um belo dia de sol, caminhava na rua quando ouviu uma voz chamando seu nome: “Maicon” – era um de seus tios que vinha para buscá-lo, e sua irmã também, para morarem com parentes de sua falecida mãe em São Paulo. O tio estava há dias procurando pelo pequeno Maicon que há anos não havia visto mais, que ninguém sabia onde se encontrava ou para que lugar teria ido quando saiu do hospital após a morte

da mãe e que havia sido adotado pela madrinha, inclusive já dado como desaparecido pela família que vivia em São Paulo. Antes, talvez, não tivesse sido encontrado, afinal já tinha o carinho de sua mãe de criação e a companhia dos novos irmãos, em suma, já tinha uma nova família. Depois de deixarem Santarém, Maicon e sua irmã nunca mais encontraram um lar amoroso como durante esse período. Os órfãos eram vistos como um estorvo para a família, representavam apenas mais bocas para se alimentar. Sua irmã foi com o tio para a grande capital e Maicon, a muito contragosto, acabou na pequena cidade de Reginópolis em pleno sertão paulista – a mais de quatrocentos quilômetros de distância de sua irmã – aonde outra tia sua o recebeu com muito mau trato. Tinha que disputar a comida com seus primos, brigando por sobras e com a própria tia que escondia os alimentos. Fome era o prato que sobrava na mesa para Maicon, de forma que logo cedo foi obrigado a trabalhar por seu próprio pão, assim, antes de completar onze anos já estava na lida. Conseguiu um bico de ajudante numa fábrica de tratores da região, na qual recebia café e almoço, além de faturar “algum” com gorjetas. Nos fins-de-semana vendia sorvete na cidade, às vezes, nem voltava pra casa, dormindo em qualquer lugar: na praça, no mato, no frio do relento mas longe da frieza de sua tia. Cansado dos maus-tratos dela, conseguiu um cantinho na casa de sua avó, que lhe permitiu construir um pequeno barraco de madeira adjacente à sua moradia. Foi quando, finalmente, Maicon conseguiu um pouco de sossego, aonde nas noites frias se aquecia com um pouco de madeira e carvão que queimava num velho tambor de óleo. Solidão? Jamais. Se a infância e a vida de Maicon são marcadas por dificuldades e o abandono da família, isso jamais lhe afetou. Sem parentes amorosos, cercou-se de amigos, criou sua própria família, deixou a solidão passar distante de sua porta. Sempre foi comunicativo, carismático, bem humorado, dono de em espírito empreendedor e prestativo, de forma que logo já era conhecido por todos na cidade, na escola, era amigo de todos os colegas.

Na adolescência, Maicon trabalhou em diversas firmas, lojas e bares da cidade, além de algumas fazendas da região. Realizava qualquer tipo de serviço manual, de modo que, ainda criança, já conquistou sua independência, já se sustentava sozinho. Além do trabalho, brincava no mato, praticava esportes, nadava no rio da cidade e, como não poderia deixar de ser no país do futebol, adorava jogar bola, era forte, com catorze anos de idade já “carregava piano”. Sempre gostou de música também, *reggae* e *black* são seus estilos prediletos. Antes de terminar o ginásio, Maicon já se mudara da casa de sua avó, morava no centro da cidade com alguns amigos em uma casa em que organizava os bailes da escola. Foi nessa época que sua virgindade também passou a ser parte do passado. Até completar dezesseis anos, Maicon já tinha algumas ex-namoradas, a bola e o estilingue ficavam pra traz, o interesse era a vida que tinha pela frente.

Veio para São Paulo e reencontrou sua irmã que já se casara. Para a cidade grande trouxe duas coisas que já conquistara em sua vida: seu carisma e o espírito empreendedor, em posse disso, trilhar seu caminho na metrópole paulistana não foi muito difícil, apesar dos muitos obstáculos que precisou driblar. Em um colégio interno, aonde estudava e trabalhava – era auxiliar de cozinha e cultivava uma pequena horta de verduras – completou o colegial e alcançou a maioridade legal, e esta trouxe algo a mais para Maicon, a liberdade. Em posse dela, conseguiu um emprego numa grande firma multinacional, a *Leroy Merlin*, mudou-se da casa de sua irmã e foi morar sozinho no Jardim Bonfiglinoli, à beira da rodovia Raposo Tavares, bairro que até hoje reside, embora tenha passado por uma dúzia de diferentes casas, ora vivendo sozinho, ora dividindo a moradia com amigos da vizinhança. Sem rio para nadar, encontrou nas artes marciais um novo esporte para praticar, para aliviar o *stress* da *big city*, dedicou-se à arte do Morganti.

Trabalhou quatro anos na *Leroy*, de simples ajudante ascendeu a chefe-encarregado de setor – de “peão” a “patrão” – aprendeu de tudo um pouco, de operar empilhadeiras ao uso do computador, além de lidar com toda burocracia de uma grande empresa. Foi na *Leroy* que Maicon reencontrou um velho amigo de Reginópolis: Alê, o surfista, que lhe apresentou aquela que seria a sua nova paixão, o *surf*. Após algumas viagens com o velho amigo, Maicon já se tornara um apaixonado pela prática e o espírito de vida dos surfistas, já tinha sua prancha e todo equipamento necessário para prática do esporte, além do visual característico da *tribo* do surf, *tatoos*, bermudas e óculos escuros. Sempre que tinha uma folga ia para a praia com os *trutas*<sup>1</sup> curtir as ondas. Por coincidência, Alê era meu amigo também, um antigo companheiro das ondas, e foi justamente numa dessas *surf trips*<sup>2</sup> que fizemos ao Guarujá, que eu conheci Maicon, há quatro anos atrás, quando ele tinha 21 anos. De lá para cá fizemos várias viagens e, como não poderia deixar de ser com alguém que se dispõe a ser amigo de todos que cruzam seu caminho, desenvolvemos um forte laço de amizade. Foi assim que, aos poucos, fui conhecendo a inigualável personalidade e sua fantástica história que hoje tento, de forma resumida, registrar nessas palavras, com a humildade de saber que seria necessário ao registro dela, um extenso livro para detalhá-la com sua verdadeira riqueza, mesmo se tratando de um jovem com uma vida inteira pela frente. Como amigo, posso acrescentar algumas características a esta figura. Acima de tudo, Maicon é uma pessoa muito humilde, trata todos com muito respeito e igualdade, é muito tranquilo e receptivo, adora um bom papo e é um excelente contador de histórias – daí também o desejo de se registrar a sua. É apaixonado por tudo que faz, busca cumprir com perfeição todas as tarefas que se propõe, é extremamente profissional. Está sempre disposto a ajudar o próximo, com um pouco de inocência

---

<sup>1</sup> Amigos que praticam surfe juntos. *N. do A.*

<sup>2</sup> Viagem para a praia com objetivo de surfar. *N. do A.*

até, como diriam alguns. Vi com meus próprios olhos, ao meio da multidão, em uma praia apenas iluminada pelos fogos de artifício da noite de *Reveillon*, salvar uma menina da morte, desacordada em coma alcoólico, abandonada, à mercê da sorte. Enquanto a multidão sequer percebia o que se passava, lá estava Maicon carregando a guria nos ombros em busca de ajuda como autêntico herói. Ele é assim, sempre com a mão estendida, pronto para ajudar, tem um espírito irrequieto, sempre agitando algo novo. Quem vai à sua casa, logo percebe isso, o bom anfitrião, os amigos batendo à porta. Além do calor humano tem poucas coisas em seu cantinho particular, a cozinha – indispensável – alguns armários, enfeites, roupas, uma cama e um computador para ouvir música, assistir filmes e entrar no *Orkut*, nada que dê muito trabalho para se mudar. O que mais dizer sobre ele? É deixar sua história falar por si mesma.

Sem espaço mais para crescer na *Leroy*, Maicon se afastou da empresa, forçou sua demissão e aproveitou a boa indenização que recebeu para investir em diversos cursos, tais como de gastronomia, *someliê*<sup>3</sup> e gerenciamento de bares, restaurantes e hotéis. Conseguiu alguns trabalhos temporários com organização de eventos, festas e *buffets*, até mesmo como segurança. De bar em bar e festa em festa, conseguiu um bom emprego de *comim*<sup>4</sup> em um famoso sushi-bar na zona sul da cidade, o *Jam Warehouse*. Como voltava tarde da noite do serviço, comprou uma moto para cumprir o trajeto casa-trabalho, foi quando se deparou com um dos grandes males da cidade grande: a violência do trânsito. Trafegando com sua moto ao farol verde em frente ao Shopping Iguatemi, foi abalroado por um automóvel que se esvaiu pela cidade, esmagando-lhe a coxa esquerda. Acordou em um leito de hospital com muita dor, mas feliz por estar vivo. Foi operado, o osso da perna reconstituído com titânio, e meses de recuperação no hospital aonde recebia poucas visitas – algumas minhas, quando até assistimos pela TV o Corinthians ser campeão em 2005, outras de sua irmã – e mais meses e meses fazendo fisioterapia, tomando remédios que lhe custaram toda a poupança, andando de muletas, morando na casa de sua tia que o amparou, a mesma que acolhera sua irmã anos antes. O tempo parado serviu para repensar a sua vida, aproveitou o chá de cama para a leitura de livros sobre a filosofia de vida oriental que sempre o interessou, sentia saudades do mar e percebeu que ali estava o seu destino, viver próximo as ondas, ao surf, onde encontraria paz para o corpo e o espírito.

O tempo passou e Maicon se recuperou completamente, vendeu o que restava da moto, voltou ao trabalho no Sushi-Bar, alugou um novo cantinho, voltou ao surf e até mesmo ao Morganti. Pouco tempo depois, se transferiu para outro bar, no qual foi gerente. Sua personalidade muito amigável não combinava muito com a postura mais fria necessária a tal profissional, de modo

---

<sup>3</sup> Degustação de vinhos.

<sup>4</sup> Ajudante de garçom.

que não se identificou com a nova profissão, demitiu-se e foi buscar novas alternativas. Enquanto não encontrava algo “novo” para fazer, fez o que sempre costumava fazer: bicos. Continuou trabalhando com festas *buffets*, inclusive desenvolvendo habilidades com pirofagia circense. Até mesmo um filme de cinema ajudou a produzir, um curta-metragem de terror em estilo *trash* chamado “Goethia”. Com um celular na mão, fez vários contatos, acabou reencontrando um velho amigo, músico, que tocava em uma banda de *reggae*, este, por sua vez, lhe apresentou para outro amigo, que era *DJ*. O *DJ* convidou Maicon pra trabalhar na produção de eventos em festas *rave*. Numa dessas festas, fez novos contatos que o levaram para um novo ramo: o mundo da moda. Abriu uma firma, a “Progresso Modas” e passou a revender roupas estilo jovem, *jeans* e *surfware*, em diferentes lojas e cidades, algo muito fácil para alguém simpático e comunicativo como Maicon, trabalhando por conta própria e lidando diretamente com o público. Tornou-se um vendedor e fornecedor ambulante, estilo caixeiro-viajante, seguindo diversos eventos, *raves*, shows, festas de peão e campeonatos de surf, sempre trabalhando com roupas ou organizando festas, como *promoter* ou *barman*, com um *quê* de figurinista também. Hoje viaja bastante para o litoral paulista, aonde, além dos campeonatos, fornece roupas para diversas lojas praianas e aproveita o tempo que sobra para surfar e tomar uma cervejinha com os amigos caiçaras.

O nome de sua empresa, “Progresso”, não parece ser mero acaso, com mais de dezessete mil quilômetros rodados vendendo roupas pelo estado de São Paulo, Maicon comprou um Fusca, um investimento para a firma, para aumentar mais e mais ainda a sua quilometragem. Infelizmente, deparou-se com outro problema característico da megalópole paulistana: os ladrões de veículos. A pé novamente, não desanimou, em pouco tempo recuperou o valor perdido e agora pensa em investir em um terreno. Aonde? Está buscando um “bom negócio”, “um lugar tranquilo”, um local em que possa prosperar, quem sabe casar e ter alguns *bambinos*. Seu sonho é morar em Florianópolis ou na Bahia, montar o seu próprio restaurante, que até nome já tem: *Buffet* “Restaurado Surf”. Para o futuro, tudo que deseja é viver em algum lugar em que possa ver o mar “todos os dias”. Acredita que “quem sobrevive neste ninho de cobras que é São Paulo, sobrevive em qualquer lugar”. Seja qual for o seu objetivo, seu destino, ou *destinos*, com certeza ele os alcançará, o que com toda a simplicidade e olhando a Deus, é o próprio Maicon quem nos diz: “Com a fé nele, você conquista tudo”.

Parte de seu desejo, Maicon já cumpriu, enquanto completávamos essa mini-biografia, nosso extraordinário personagem adotou Florianópolis como novo lar, a princípio dividindo moradia com alguns amigos na praia do Campeche, surfando e trabalhando como *sushiman* em festas e eventos privados pela cidade. O início de uma nova etapa em sua vida que um dia ainda será contada.

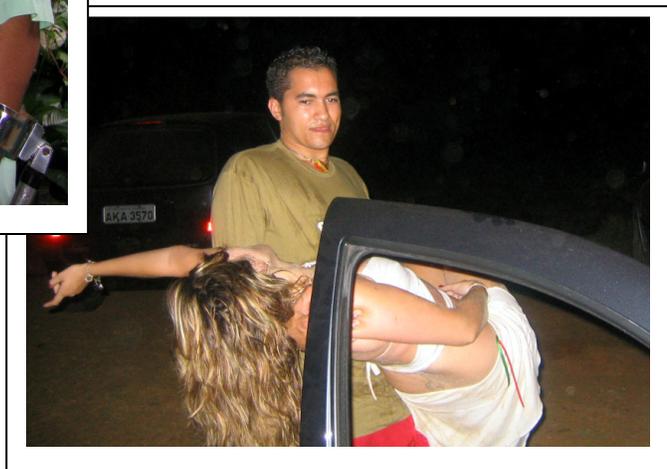
## Veja Quem é Maicon



Maicon e uma de suas paixões, a culinária, e uma de suas especialidades, a peixada (ao lado e abaixo).



Com sua tia, quando se recuperava do acidente de moto (ao lado). Em Balneário Camburiú - SC, Praia Brava, resgatando uma guria em apuros (abaixo).



## Diagrama do Herói, a Jornada Mitológica de Maicon

Apenas para uma pequena reflexão em cima da história narrada, identificamos os aspectos mitológicos da vida de Maicon, relacionando-os com a análise do herói mitológico de Joseph Campbell (através do roteiro proposto por Christopher Vogler – **RINCÓN**, Luiz Eduardo. *A Jornada do Herói Mitológico in II Simpósio de RPG & Educação*. São Paulo: Uninove, 22 à 24/09/2006), reproduzida no quadro abaixo.

<b>1º Ato – Apresentação</b>		
<b>Mundo Comum</b>	A família	Belém do Pará
<b>Chamado à aventura</b>	Morte da mãe, abandono do pai, separação da irmã	
<b>Recusa ao chamado</b>	Não queria deixar sua madrinha em Santarém para viver em Reginópolis longe de sua irmã	
<b>Encontro com mentor</b>	Seus amigos	Irmã (durante o colegial); Alê, mentor do surf; DJ, mundo da moda e outros amigos
<b>Travessia do primeiro limiar</b>	Morte da mãe; vinda à Reginópolis; vinda à São Paulo	<b>Arma mágica:</b> prestatividade, amigabilidade <b>Elixir:</b> independência
<b>2º Ato – Conflito</b>		
<b>Aliados e inimigos</b>	<b>Inimigos:</b> Indiferença da família	<b>Aliados:</b> Seus amigos; Irmã (em SP); perseverança
<b>Testes</b>	Fome, necessidade de subsistência	Busca por trabalho, sustento
<b>Aproximação da caverna oculta</b>	Encarar a vida sozinho em São Paulo	Maioridade
<b>Provação suprema</b>	Acidente de moto	
<b>Recompensa</b>	Chance para um recomeço; pausa para refletir sobre o destino	
<b>3º Ato – Resolução (futuro)</b>		
<b>Caminho de volta</b>	Mundo da culinária	<i>Buffet</i> “Restaura do Surf”
<b>Ressurreição</b>	Sonho de morar na praia, Florianópolis	Casamento, filhos
<b>Retorno com o elixir</b>	Prosperidade, paz interior	Liberdade